Aula 20

História e Sociologia

Meta da aula

Discutir as relações entre História e Sociologia.

Objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

1. perceber as diferenças entre o conhecimento sociológico e o histórico;
2. analisar de que modo o pensamento sociológico pode contribuir para a prática do historiador.

Pré-requisitos

O curso todo, com ênfase nas aulas sobre Marx, Durkheim e Weber, sobre o pensamento social brasileiro e sobre modernização, industrialização e urbanização (Aulas 2, 3, 4, 5, 7, 8 e 11).

INTRODUÇÃO

Ao longo dessa disciplina, você entrou em contato com vários conceitos e métodos do pensamento sociológico. Agora que a disciplina está quase terminando, você pode se perguntar: se quero ser um historiador, qual a importância de saber tantas coisas da área de sociologia?

A sociologia, como todas as áreas do conhecimento, tem uma contribuição enorme a dar aos historiadores. Aliás, há uma frase célebre do historiador Marc Bloch, sobre o qual você ainda vai ler e ouvir falar muito, inclusive nesta aula, que é a seguinte: "Já o bom historiador parece-se com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça" (BLOCH, 2001, p. 54). Isso quer dizer que todo o conhecimento produzido pelos homens, seus artefatos, as artes, a arquitetura, tudo isso é de interesse do historiador e você, que está começando agora a dar os primeiros passos na sua formação, deve, sempre, estar aberto a conhecer coisas novas, mesmo que à primeira vista elas não tenham relação direta com o que você estuda.

A Sociologia, ao lado da Economia, da Antropologia, da Ciência Política e de várias outras disciplinas das humanidades, constitui uma área de conhecimento muito importante para o historiador em razão da relativa pobreza conceitual da história. Portanto, freqüentemente quando diante de teorizações, generalizações ou formulação de problemas, os historiadores buscam o apoio teórico e conceitual de outras disciplinas, a Sociologia inclusive. Inversamente, foi à História que a Sociologia recorreu quando teve de contextualizar mais profundamente a realidade social pensada a partir de suas teorias e modelos. No entanto, a relação entre História e Sociologia nunca foi, como ainda não é, muito tranqüila. É como se houvesse entre elas uma tensão básica que, desde as origens das duas disciplinas, as atrai e as afasta.

Para que você compreenda melhor essa relação tensa entre História e Sociologia, vamos voltar mais uma vez ao século XIX, quando as duas disciplinas nasceram.

Os nascimentos da Sociologia e da História

Você já viu, lá no início do curso, que Weber, Marx e Durkheim, os grandes fundadores do pensamento sociológico, estavam preocupados com processos macrossociais oriundos da grande transformação da Europa no século XIX. Para Weber, tal processo macrossocial estava associado à secularização; para Marx, à emergência de um novo modo de produção, o capitalismo; para Durkheim, finalmente, à passagem da solidariedade mecânica para a solidariedade orgânica. As reflexões da Sociologia, em seu nascimento, buscavam compreender o nascimento da modernidade na Europa, assim como as tensões então estabelecidas entre modernidade e tradição. Quando os três fundadores da Sociologia acionavam alguma informação de natureza histórica, faziam-no no sentido de ilustrar ou explicitar as suas reflexões de natureza macrossocial.

A História nasceu com objetivos opostos. Antes de tratar de tais objetivos, no entanto, seria importante ressaltar uma peculiaridade da História. Enquanto o objeto de estudo da disciplina Sociologia é a sociedade, o objeto de estudo da disciplina História é... a história. Ou seja, a palavra história designa, ao mesmo tempo, uma disciplina e seu objeto, o que sempre trouxe inúmeras confusões para os historiadores. Então, a partir de agora, preste atenção para que, na leitura desta aula, você saiba diferenciar os momentos em que a palavra História designará a disciplina dos momentos em que designará o objeto de estudo desta disciplina.

Como disciplina, a História nasceu no século XIX, sendo, portanto, contemporânea da Sociologia. Ambas surgiram do mesmo impulso de conhecer a realidade de maneira científica. Ao contrário da Sociologia, no entanto, a História não estava voltada para a

compreensão de processos macrossociais, mas para a narrativa de fatos que haviam ocorrido no passado. Um dos principais historiadores do século XIX foi ***Leopold von Ranke***.

Ranke entendia ser possível produzir um conhecimento histórico neutro, objetivo, a partir da pesquisa sistemática de fontes primárias. Buscava, assim, escrever a história *como ela realmente tinha acontecido*, eliminando qualquer subjetividade do historiador. Para ele, que se debruçava sobre a história das grandes potências, o documento de época, a fonte primária, surgia como a chave para a verdadeira história, para se descortinar a verdade contida no passado.

A importância de Ranke para a história não pode ser minimizada. Seu apreço pelas fontes primárias, pelo trabalho de arquivo, pela comprovação empírica de cada afirmação, sua rejeição às grandes teorias e às filosofias da história, tornou-o referência para historiadores de várias nacionalidades no século XIX. Em suma, nesse século, os herdeiros de Ranke, a partir do estudo de fontes primárias, com ênfase em documentos produzidos pelos Estados, dedicaram-se a escrever histórias nacionais, factuais, narrativas, centradas em grandes homens, na diplomacia e na guerra.

O século XIX foi, portanto, a época da história da França, da Alemanha, da Itália, da Espanha etc. E cada uma dessas histórias nacionais queria-se verdadeira, o que colocava questões interessantes. Entre a conquista da Alsácia e da Lorena pelos alemães, na Guerra Franco-Prussiana finalizada em 1871, com a vitória prussiana e a unificação da Alemanha, e a I Guerra Mundial (1914-1918), os historiadores franceses escreviam livros de História para afirmar que a Alsácia e a Lorena eram historicamente francesas, ao passo que historiadores alemães escreviam livros para afirmar que as duas regiões eram, historicamente, alemãs. Ao fim da I Guerra Mundial, quando os franceses retomaram a Alsácia, a biblioteca da Universidade de Strasbourg não possuía um livro sequer de História que demonstrasse a presença francesa na região ao longo dos séculos.

Leopold von Ranke

Nascido em 1795 em uma pequena cidade na Turíngia, hoje Alemanha, sua família era luterana. Ranke, no entanto, não seguiu carreira religiosa, como muitos da sua família desejavam. Pelo contrário, fez seu doutorado na Universidade de Leipzig, onde defendeu tese em 1817 sobre as idéias políticas de Tucídides. Em 1825, foi nomeado professor de História da Universidade de Berlim, tendo se aposentado em 1871. Quando de sua morte, em 1886, era considerado um dos principais artífices do método científico em História.

Quem estaria falando a verdade, os historiadores franceses ou os alemães? Esse é um problema epistemológico, relativo à teoria do conhecimento, que você vai discutir em outras disciplinas. O que importa aqui ressaltar é que, ao passo que a Sociologia nascia preocupada com processos macrossociais, a História nascia marcada pela preocupação com o fato particular. Uma enorme distância as separava.

A História encontra a Sociologia, a Sociologia encontra a História

O distanciamento entre a História e a Sociologia não duraria muito tempo. Várias novas concepções de História, mais abertas ao diálogo com outras disciplinas e a temas como cultura, idéias, movimentos sociais etc., iriam surgir em diferentes países nas primeiras décadas do século XX, como nos Estados Unidos. Mas foi na França, na década de 1920, que surgiu um movimento historiográfico que teria impactos enormes nas formas de compreender o trabalho do historiador. Liderado por ***Marc Bloch*** e ***Lucien Febvre***, tal movimento se institucionalizaria em 1929, com a criação da *Revista dos Annales*.

Bloch e Febvre lideraram o que alguns denominam Revolução Francesa na historiografia, questionando uma série de postulados da historiografia do século XIX, a começar pela própria definição de História. Se, no século XIX, a História era entendida como o estudo do passado, Bloch redefiniu-a como a "ciência dos homens no tempo". Para Bloch, não haveria descontinuidade entre passado e presente, mas um *continuum* de tempo, em que o passado ajudava a compreender o presente e o presente, por sua vez, ajudava a compreender o passado. Este é um ponto fundamental: a história deixava de ser entendida como simples narrativa do que havia acontecido para tornar-se produtora de compreensão a respeito da aventura humana através do tempo. Bloch afirmava:

Marc Bloch
Tendo nascido em 1886 em uma família judaica, Bloch foi um dos fundadores da *Revista dos Annales*, em 1929. Ao voltar do *front* na Primeira Guerra Mundial, ingressou na Universidade de Strasbourg, onde fez sua carreira acadêmica. Com a ocupação nazista da França, Bloch entrou para a Resistência Francesa, tendo sido capturado e executado pela Gestapo em 1944. Seu livro *Apologia da história ou o ofício do historiador* foi escrito no cárcere e interrompido pela sua execução.

Lucien Febvre
Nascido em 1878 e falecido em 1956, Febvre fundou, ao lado de Marc Bloch, a *Revista dos Annales*. Como Bloch, Febvre também lutou na Primeira Guerra Mundial e, ao retonar desta, entrou para a Universidade de Strasbourg. Após a morte de Bloch, Febvre continuou a dirigir a *Revista dos Annales*, que encaminhou à direção de Fernand Braudel.

> Pois a natureza de nosso entendimento o leva muito menos a querer saber do que a querer compreender. Daí resulta que as únicas ciências autênticas são, para ele, aquelas que conseguem estabelecer ligações explicativas entre os fenômenos (BLOCH, 2001, p. 45).

Para produzir compreensão, a nova concepção de História rompia, mais uma vez, com a história factual e narrativa e propunha, em seu lugar, a história-problema, cuja característica fundamental seria a formulação de problemas, pelo historiador, para o seu objeto. Para Febvre, "Pôr um problema é precisamente o começo e o fim de toda história. Se não há problemas, não há histórias. Apenas narrações e compilações" (FEBVRE, 1989, p. 31), o que implicava que, a partir de agora, o historiador passava a elaborar questões para seu objeto e a formular hipóteses para respondê-las, como fazem os cientistas em qualquer outra área da ciência.

Há aqui, portanto, uma grande distância de concepção de ciência histórica entre Ranke, Bloch e Febvre. Enquanto o primeiro afirmava que a natureza científica da História residia no seu método, capaz de criar uma narrativa objetiva e neutra, portanto verdadeira, sobre o passado, Bloch e Febvre afirmavam que o estudo científico, ou cientificamente conduzido, da História, deveria produzir não uma narrativa verdadeira sobre o passado, mas uma compreensão a respeito das vidas dos homens ao longo do tempo, incluindo aí até o próprio tempo do historiador.

E, para produzir compreensão, Bloch e Febvre sugeriam que o historiador deveria utilizar conceitos, categorias e métodos de outras disciplinas, como a Geografia, a Economia, a Psicologia e, claro, a Sociologia. Até porque ambos, rejeitando a história política, acreditavam na história totalizante, que desse conta do conjunto da experiência humana. Mesmo que um estudo fosse buscar compreender uma parcela, um aspecto do real, esse aspecto deveria estar sempre inserido em sua totalidade, como bem atesta a seguinte passagem de Febvre:

> O homem (...) pode ser agarrado, por razões de comodidade, por este ou aquele membro, pela perna ou pelo braço, em vez de pela cabeça: é sempre o homem inteiro que vem atrás, desde que se puxe. Não se pode partir esse homem em bocados, é matá-lo: então o historiador não terá senão bocados de cadáveres. (...). Esse homem, numa palavra, é o lugar comum de todas as atividades que exerce – e podemos interessar-nos mais particularmente por uma delas, pela sua atividade, pelas suas atividades econômicas, por exemplo. Com uma condição, que é nunca esquecer que elas o põem em causa inteiro, sempre – e no âmbito das sociedades que criou. (...) Essa condição lembra-nos que o objeto dos nossos estudos não é um fragmento do real, um dos aspectos isolados da atividade humana – mas o próprio homem, entendido no seio dos grupos de que faz parte. (FEBVRE, 1989, p. 30, 31).

Escrófula
Tumor de origem tuberculosa que ocorre nos gânglios. Pode infeccionar e expelir pus.

Fernand Braudel
Nascido em 1902, tornou-se um dos mais importantes historiadores do século XX, não só por ter dirigido a *Revista dos Annales* após a morte de Lucien Febvre, como por ter escrito aquele que é por muitos considerado o maior clássico da historiografia, *O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Filipe II*, cuja primeira versão foi escrita enquanto estava preso pelos nazistas. Tendo lecionado por três anos na Universidade de São Paulo, na década de 1930, Braudel morreu em 1985.

Bloch, em particular, era um leitor de Durkheim e, não por acaso, foi o primeiro a propor o que os sociólogos, de há muito, faziam: estudos comparados. Um dos mais importantes livros de Bloch, *Os reis taumaturgos*, de 1924, bem expressa a concepção de História proposta pelo autor. Uma problemática central de *Os reis taumaturgos* é a que diz respeito às formas de legitimação do poder. O livro está preocupado, portanto, com uma importante questão política. No entanto, para enfrentar a questão, Bloch não recorre a uma narrativa factual sobre o poder de algum rei, mas discute a crença, difundida na Idade Média e mesmo no Antigo Regime, de que os reis da França e da Inglaterra tinham o dom da cura pelo toque real de uma doença chamada ***escrófula***. E o fez utilizando um método típico da Sociologia de Durkheim, ou seja, recorrendo à análise comparativa. De fato, Bloch e Febvre defendiam o uso intenso da interdisciplinaridade, defesa que seria aprofundada pelo grande líder da chamada segunda geração da *Revista dos Annales*, entre os anos 1950 e 1960, ***Fernand Braudel***.

Fiel à tradição da história-problema de Bloch e Febvre, Braudel pensou um dos problemas centrais da história: o tempo. O que é o tempo histórico? Como ele passa? Braudel propôs a visão de que o tempo histórico se desdobra em três: o tempo longo, das estruturas, o tempo médio, das conjunturas, e o tempo curto, dos acontecimentos. Em *O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Filipe II*, Braudel exercitou sua concepção de tempo e enfatizou a importância do tempo longo em detrimento do tempo curto. Para Braudel, também fiel à visão de que a história deve produzir compreensão, o tempo curto, dos acontecimentos, seria quase que irrelevante, pois os fatos se esgotam em si mesmos, rapidamente. O tempo longo, das estruturas que quase não se movem, pelo contrário, serviria como uma ponte entre as diferentes épocas, tornando o presente e o passado mutuamente inteligíveis. Com tal concepção, Braudel iria se distanciar ainda mais da história política tal qual praticada no século XIX, aproximando-se de outras disciplinas das humanidades, como a Sociologia, a Economia, a Antropologia e, sobretudo, a Geografia. A terceira geração dos Annales, ao longo dos anos 1970, identificada à chamada história das mentalidades, iria aprofundar ainda mais essa ênfase no tempo longo, nas estruturas de lenta transformação. Seus métodos iriam fazer uso de diversos elementos da tradição sociológica, como o uso de séries estatísticas.

No **Quadro 20.1**, você verá algumas das principais mudanças nas concepções de História, e das relações entre esta e a Sociologia, entre o século XIX e a Escola dos Annales.

Quadro 20.1: A história no século XIX e nos *Annales*

Historiador	Concepção/definição de história	Concepção de documento	Problema histórico	Relação com a Sociologia
Século XIX (Ranke)	Ciência do passado, narrativa factual do que havia "realmente ocorrido". A história surge, portanto, como a ciência do particular, do fato único e irrepetível. Ênfase na história política.	A verdade está contida no documento oficial, produzido pelo Estado. Ao historiador, cabe distinguir o documento falso do verdadeiro. Uma vez feita a distinção, o historiador deve anular a sua subjetividade para encontrar a verdade expressa no documento.		Como a história era percebida como uma narrativa de fatos ocorridos no passado, e como buscava institucionalizar-se como disciplina, demarcando suas diferenças com as outras disciplinas, História e Sociologia percorriam caminhos paralelos.
Bloch	Ciência dos homens no tempo. A história não é simples narrativa sobre o que passou, mas uma busca da compreensão da trajetória dos homens através do tempo. Desta forma, o presente ajuda a compreender o passado, assim como o passado ajuda a compreender o presente. A busca da compreensão da trajetória dos homens no tempo rejeita a visão da história factual, narrativa, da história política do século XIX. Busca-se uma história-total, que dê conta de todas as dimensões da vida humana.	Qualquer vestígio humano é considerado documento. A verdade não está contida no documento. O historiador lerá o documento a partir das questões do seu tempo. O estatuto científico da história advém de que essa leitura é feita a partir de um método.	Em seus trabalhos, lidou com diversas questões, como a relativa à letigimação do poder, em *Os reis taumaturgos*.	Como a história passou a ser entendida como produtora de compreensão, e não como simples narrativa, os métodos e conceitos da Sociologia acabaram por ser incorporados, assim como de outras disciplinas.

Febvre	História-problema. O papel do historiador é formular problemas para o seu objeto e propor hipóteses. Daí o caráter de estudo cientificamente conduzido da história.	A verdade não está contida no documento, que é escolhido de acordo com o problema levantado pelo historiador. O historiador lerá o documento em busca de respostas para o seu problema.		Ênfase na importância da interdisciplinaridade.
Braudel			A questão do tempo, que surge em *O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Filipe II*. O tempo histórico se desdobra em três: tempo curto, dos acontecimentos, tempo médio, das conjunturas, e tempo longo, das estruturas.	Ênfase na importância da interdisciplinaridade.

Esses desenvolvimentos da tradição dos Annales, a ênfase na longa duração, nas estruturas, acabou por sofrer críticas severas, por seu abandono do tempo curto, dos acontecimentos, da ação humana que se dá, sempre, na curta duração. Já a partir dos anos 1960, a chamada história política renovada vinha afirmar a importância do fato e da narrativa, no que foi corroborada pelo advento da chamada História do Tempo Presente (HTP), na década de 1970. Mas esse retorno ao fato, à narrativa, se deu em

patamares muito diferentes daqueles da história política tradicional. Fiéis às concepções de história-problema e de história produtora de compreensão, a nova história política e a HTP buscaram produzir reflexões utilizando intensamente categorias de outras disciplinas, principalmente da Sociologia e da Ciência Política. O estudo das estruturas partidárias, dos sistemas eleitorais, dos mecanismos de representação dos interesses, dos grupos de interesses, da cultura política, das formas de dominação etc., foram, todos, incorporados à discussão histórica.

Você acompanhou, até aqui, um pouco dos desdobramentos da historiografia francesa e de suas relações com outras disciplinas, com destaque para a Sociologia. É importante você conhecer um pouco essa historiografia, pois ela teve um impacto muito importante na produção historiográfica brasileira. Mas não apenas a tradição historiográfica francesa iria se aproximar de métodos e conceitos da Sociologia. Marx e Weber teriam vários seguidores no campo da produção historiográfica, que utilizariam em seus estudos os conceitos e categorias por eles formulados, como os de classe social e modo de produção, formas de dominação e tipo-ideal. Aliás, você já viu aqui como dois historiadores brasileiros, Caio Prado Jr. e Sérgio Buarque de Holanda, utilizaram categorias de Marx e Weber em seus trabalhos.

Mas não foi apenas a História que se aproximou da Sociologia. Também a Sociologia, de início tão marcada pela ênfase nos processos macrossociais, e tão crítica do que considerava as miudezas, as curiosidades, dos historiadores, acabou por se aproximar da História, fazendo surgir uma Sociologia histórica. Talvez ninguém exemplifique melhor esse fenômeno do que ***Norbert Elias***.

Norbert Elias
Nascido em 1897 e falecido em 1990, Elias teve de fugir da Alemanha com a ascensão do nazismo, dado que sua família era de origem judaica. A experiência do exílio, principalmente na França e na Inglaterra, marcou-o fortemente. Muito embora seja hoje considerado um dos mais importantes sociólogos do século XX, o reconhecimento de sua obra foi tardio.

Muito embora Elias parta de uma visão macrossocial, o que chama processo civilizador, sua obra leva sempre em conta que tal processo não é linear e, mais do que isso, está profundamente articulado à ação humana. Esse ponto é fundamental: ao contrário de outros sociólogos, que pensaram a sociedade a partir de modelos estáticos, Elias sempre buscou pensar a sociedade como processo,

como mudança, tal qual os historiadores. Portanto, sua Sociologia levou em conta a empiria, rejeitando as visões, comuns a vários sociólogos, de que a teoria sociológica seria mais importante do que os fatos. Em seu livro *Os alemães*, Elias faz uma análise de longa duração do que considera ser a trajetória nacional alemã, de modo a construir uma reflexão histórico-sociológica que permitiria compreender a ascensão do nazismo. Nesse sentido, ele retorna às tribos germânicas, analisa o sentimento de inferioridade, desarticulação e permanente ameaça de frágeis unidades políticas, o militarismo prussiano, o fato de a Prússia ter liderado o processo de unificação alemã, até chegar à ascensão do nazismo, propriamente dita. E, para confirmar que sua concepção de processo civilizador não era linear, para Elias o nazismo surge como o colapso da civilização. Não parece coincidência o fato de um dos mais importantes ensaios de Elias chamar-se "Sobre o tempo", conceito-chave para os historiadores.

Atende ao Objetivo 1

1. Leia a seguinte passagem:

> Os sociólogos, por exemplo, são treinados para observar ou formular regras gerais e, muitas vezes, analisar e rejeitar as exceções. Os historiadores aprendem a dar atenção aos detalhes concretos em detrimento de padrões gerais (BURKE, 2002, p. 14).

A partir desta passagem, realize uma reflexão de como o conhecimento histórico e o sociológico podem se fecundar mutuamente. Escreva um texto de 10 linhas, de modo a que suas idéias fiquem bem claras e consolidadas.

Comentário

Você pode chegar a várias conclusões na sua reflexão, mas um aspecto das contribuições mútuas entre Sociologia e História é muito importante e, caso você não tenha pensado nele, reflita agora.

A História, ao pensar processos específicos, corre o risco de perder de vista que tais processos muitas vezes inserem-se em contextos mais amplos. É o caso, por exemplo, do processo de urbanização de um país. Uma coisa é pensar a urbanização brasileira, por exemplo, como um processo específico, achando que só ela acarretou problemas como pobreza, criminalidade, desarticulação social. Outra, completamente diferente, é pensar a urbanização brasileira tendo como pano de fundo o fato de que a urbanização foi um fenômeno global na segunda metade do século XX, e muitos problemas da urbanização brasileira se evidenciam também em outros países. Desse modo, a sociologia urbana pode em muito contribuir para se compreender o caso específico da urbanização brasileira. Por outro lado, a história da urbanização no Brasil, com suas especificidades, pode levar a um aprofundamento da compreensão do fenômeno geral da urbanização, pensado a partir de uma ótica sociológica.

A tensão entre História e Sociologia

Nem tudo são flores, no entanto, nas relações entre História e Sociologia. Muito embora nos dias de hoje já seja plenamente reconhecida, nas duas disciplinas, a fecundidade de um trabalho interdisciplinar, as próprias especificidades de ambas marcam

um espaço de tensão permanente: a Sociologia, enfatizando as generalizações, teorizações, a História enfatizando os processos, especificidades, mudanças.

Você deve se lembrar, por exemplo, do conceito de populismo, que foi discutido na aula *Grandes temas da Sociologia brasileira II: modernização, industrialização e urbanização*. Não vamos reapresentá-lo, apenas ressaltar que seu sentido básico, na Sociologia brasileira, e latino-americana em geral, refere-se à grande transformação das economias e sociedades latino-americanas, que, de agro-exportadoras, tornaram-se urbano-industriais. Em tal passagem, uma enorme massa de trabalhadores rurais teria se urbanizado rapidamente, não sendo dotada, portanto, de uma consciência de classe adequada à sua nova realidade. Por outro lado, as classes dominantes latino-americanas ainda não teriam conseguido, nesse momento, constituir-se como efetivas classes dirigentes, precisando, portanto, cooptar as massas. Nesse cenário, surge o terceiro elemento do fenômeno populista, o líder carismático, capaz de manipular o povo através de seu magnetismo e de algumas concessões no plano dos direitos trabalhistas e sociais e, simultaneamente, realizar o projeto político e econômico das classes dominantes. Explicam-se, assim, Juan Domingo Perón na Argentina, Getúlio Vargas no Brasil e Ernesto Cárdenas no México.

Essa visão macrossocial, típica da Sociologia, e que permite uma conceituação geral para diferentes regimes latino-americanos na sua fase de modernização, e que ainda hoje é muito utilizada por sociólogos e historiadores, começou a ser criticada ainda nos anos 1970 e, principalmente, 1980. Muitas dessas críticas surgiram a partir do trabalho de E. P. Thompson, *A formação da classe trabalhadora inglesa*, na qual o autor afirma a historicidade de cada classe trabalhadora nacional, rejeitando, portanto, um conceito único e abrangente para todas as classes trabalhadoras. A partir de Thompson, tornou-se possível rejeitar a visão de que uma classe trabalhadora seria destituída de consciência, por não ter a mesma consciência de uma classe tida como correta, revolucionária.

Cada classe trabalhadora se constrói e constrói sua consciência de acordo com sua historicidade.

Em *A invenção do trabalhismo*, um dos mais importantes estudos sobre as relações entre a classe trabalhadora e o Estado brasileiro, Ângela de Castro Gomes pensa a classe trabalhadora brasileira como agente de sua própria história. Conseqüentemente, a autora propõe pensar as relações entre classe trabalhadora e Estado não a partir do conceito de populismo, mas do conceito de pacto trabalhista, no qual as relações Estado-movimento sindical, no pós–1930, não teriam resultado em mera submissão ou perda de identidade deste, mas em uma troca orientada pela articulação de ganhos materiais com ganhos simbólicos.

Por outro lado, o populismo também acabou por ser criticado por tornar homogêneas, dado que pensadas a partir de uma mesma conceituação, experiências nacionais muito diferentes umas das outras. Assim, por exemplo, como enfatizar as possíveis semelhanças entre o Brasil de Vargas, a Argentina de Perón e o México de Cárdenas, sem levar em conta que, por exemplo, as classes trabalhadoras desses três países eram profundamente heterogêneas? Só para citar um exemplo, a classe trabalhadora argentina era formada fundamentalmente por imigrantes europeus, a brasileira tanto por europeus quanto por brasileiros oriundos do campo, e a mexicana, em sua esmagadora maioria, por ex-camponeses urbanizados. Mas não quaisquer camponeses: camponeses que haviam participado da maior revolução social do século XX, a Revolução Mexicana iniciada em 1910. Seria possível, então, pensar as relações entre tais classes trabalhadoras e o seus respectivos estados nacionais a partir de um mesmo conceito, sobretudo um conceito que pensa tais classes como passivas e cooptáveis?

CONCLUSÃO

As relações entre História e Sociologia nem sempre foram, são e serão fáceis. Uma disciplina que se volta para o geral e outra que se volta para o particular parecem condenadas a um diálogo de surdos. No entanto, importantes fecundações recíprocas têm ocorrido entre elas há mais de 80 anos. A razão é simples: as duas buscam essencialmente o mesmo: compreender as sociedades humanas. A ênfase dos historiadores reside na compreensão de tais sociedades através do tempo, ao passo que a ênfase dos sociólogos recai na teorização do funcionamento de tais sociedades. Ênfase, contudo, não significa dizer exclusão. Assim, por serem relativamente pobres em conceitos de sua própria disciplina, os historiadores foram, com freqüência, buscar conceitos da Sociologia para melhor compreender as sociedades humanas ao longo do tempo. Já os sociólogos foram buscar, na passagem do tempo, elementos que melhor os levassem a compreender as sociedades que estudavam. Se o diálogo entre ambas sempre foi tenso, foi também enriquecedor para as duas.

Atividade Final

Atende aos Objetivos 1 e 2

A sua primeira aula começava assim:

> Abra a porta da sua casa. O que você está vendo? Se você mora em uma cidade, possivelmente casas, edifícios, lojas, fábricas, parques e praças, ruas e avenidas cheias de ônibus e carros, muitas pessoas andando para lá e para cá... Caso sua casa seja em uma zona rural, possivelmente animais domésticos e hortas, pessoas passando a cavalo ou a pé, o caminhão do leite... Cenas que, de tanto você ver, acha que são naturais. Afinal, tanto na cidade quanto no campo, todos os dias as pessoas se levantam para trabalhar, se deslocam de um lugar para o outro, as crianças vão para a escola, mercadorias são

produzidas e vendidas, trocas são realizadas, namorados se beijam, pais e mães cuidam de seus filhos. Enfim, você verá a vida como ela é. Ou como você está acostumado a vê-la.

Na ocasião, você estava começando a desenvolver um olhar crítico sobre o mundo à sua volta, aprendendo as diferenças entre o senso comum e o conhecimento sociológico. Refaça agora esse exercício, mas com outro objetivo. Olhe em volta de você com um olhar para o específico e outro para o geral. Tente ver o que é particular na sua vida e na vida da sua família, e o que é comum a todos os moradores do seu bairro.

Comentário

É claro que esse simples exercício não constitui nem o trabalho do sociólogo nem o do historiador. No entanto, ele permite que você tenha uma idéia do que diferencia os dois campos do conhecimento.

RESUMO

A História e a Sociologia, como campos específicos do saber, nasceram no século XIX com grandes diferenças entre si. A História, voltada para a narrativa de fatos passados, a Sociologia voltada para a compreensão de macro-processos sociais associados à emergência do mundo moderno. Ao longo do século XX, no entanto, as duas disciplinas se aproximaram: a História, fazendo uma crítica aos seus postulados iniciais, buscou compreender a aventura humana ao longo do tempo e, para fazê-lo, recorreu a conceitos da área de Sociologia; a Sociologia, por seu lado, na busca da melhor compreensão do funcionamento das sociedades, recuperou as historicidades destas. Tal diálogo, no entanto, muito embora fecundo e enriquecedor para ambas, permaneceu marcado por tensões.